



Os tres vencedores

Da esquerda para a direita — Marechal Joffre, General Douglas Haig e Marechal Foch.



PROPRIETARIO E DIRECTOR

Joaquim Antonio Pereira Villela.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Numero avulso, 100 rs.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91

BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno, 4\$800
Semestre, 2\$400. Trimestre, 1\$200 rs.
Extrangeiro — Um anno, 5\$400.

A cobrança feita pelo correio ou pelo entregador, accresce o importe das despesas.

Casa Editora Catholica

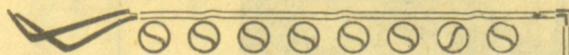
DE

Soffo Mayor & Andrade

61, Rua Nova de Souza, 63

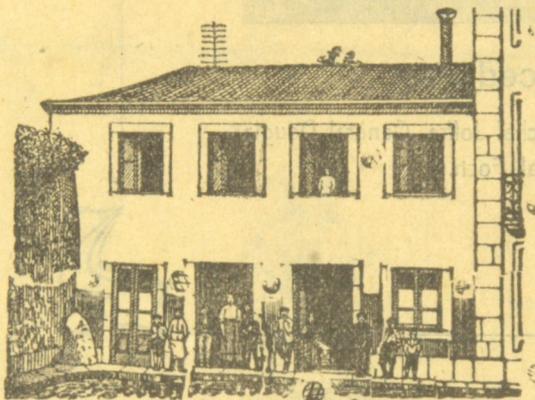
BRAGA

Deposito de Musicas approvadas
pela Commissão de Musica
sacra da Archidiocese de Braga.
Livros de Missa, propaganda
religiosa e liturgicos.
variado sortido em estampas
e oleographias.
Terços, crucifixos, medalhas e ou-
tros objectos de piedade.
Artigos de papelaria.
Encarrega-se de qualquer encom-
enda de objectos para Egreja.



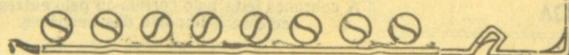
FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cañinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero



Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos para o curso
dos Lyceus, Commercial, e Instrucção Primaria.

Colégio Académico

GUIMARAES

Campo da Misericórdia

A casa de educação e ensino mais
antiga desta cidade
Bons resultados nos exames e sólida
educação são o seu réclame.

Pedidos aos directores

*Dr. Alfredo Peixoto
Luiz Gonzaga Pereira
P.º José Maria dos Santos*

Photographia Alliança

44, Praça de Alexandre Herculano, 45

BRAGA





ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

— O O —

Proprietario e Director — JOAQUIM A. PEREIRA VILLELA

EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto

Braga, 23 de Agosto de 1919

Redacção, Administração e Typographie
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 305 — Anno VII



S. M. o Rei Alberto da Belgica

CRONICA DA SEMANA

Leão de Flandres

TEM sido a Belgica, estes dias, alvo das melhores homenagens: bem nas merece, leais e significativas, dos seus companheiros da armas, como de quantos individuos ou collectividades, comprehendem o seu altivo e brioso procedimento. Quando o teutonico, manifestação ultima do imperialismo, da divindade da força, das tradições odinicas e walkyrianas, bateu a porta da civilização latina, que é a civilização cristã, para arrojá-la sobre ela a teia incendiária, a Belgica foi o antemural da civilização, a salvaguarda da Europa ameaçada, da nova e mais terrível barbarie, qual é a barbarie da sciencia, a barbarie da filosofia, a barbarie que levanta para defender o incendio de Lovaina e o bombardeamento de Reims, a voz de noventa e dois infectuais. Foi a Belgica, sacrificada nas Termópilas contemporaneas quem salvou a Europa. E' facil imaginar a que extremos levaria a soberba e audacia do exercito kaiseriano, se as suas tropas, num impeto, avassalam uma fronteira indefensa e ferem a Europa latina no coração da França...

Tem duas figuras épicas, simbolos da vida nacional, a nobilissima Belgica. O cardinal Mercier — representante da ideia católica, da filosofia escolastica, da sciencia cristã, e da organização maternal da Igreja. O outro é o rei Alberto — representante da ideia nacional, da politica equilibrada, da sociologia perfeita, e da consubstanciação da recta democracia. O cardinal tem sido condecorado pelos países que o admiram, e as nações tem ido colocar tambem no peito do rei Alberto cruzeiros e fitas que significam bem alto apreço. O rei da Belgica, soldado e operario, que acompanhou os seus exercitos nas mortíferas zonas de fogo, merece tal consagração, porque representa virtudes sociais de alta valia e merito grandissimo. Esperemos que num prazo curto tenhamos o prazer de saudar, em terra portuguesa, o rei Alberto, e a sua admiravel Esposa, essa particularmente nossa, como descendente de um Principe lusitano.

A viagem, pelo menos, foi annunciada sem desmentido.

Haeckel

Dissemos acima que noventa e dois infectuais tinham dado sanção — em nome da sciencia alemã, — á destruição da biblioteca de Lovaina. Um deles foi Haeckel, arrebatado a semana passada pela morte á presença de Deus justiceiro. Haeckel foi caudilho do transformismo, partidario da evolução das especies, e ge-

neralizando observações e falsificando desenhos, fez uma propaganda terrível, enlouquecendo as cabeças ouradas do Kulturkampf internacional.

Da biologia haeckeliana fez-se politica: — a concepção alemã por excelencia. Os seus principios nefastos foram determinismo, selecção, desigualdade. Estes dogmas, de uma sciencia descabelada, esse materialismo do sistema haeckeliano, fez-se o código da autocracia integral. Uma geração assim cultivada, porque Haeckel completa Kant e Hegel e todos esses, produziu a concepção alemã do Estado, subordinado a um, agindo pela força brutal dos exercitos da grande Alemanha, da superior Alemanha, sintese integral da autocracia dominadora, como senhora de todo o orbe. Certo é que a deformação da consciencia alemã vem já de longe, teve sempre a tendencia para a brutalidade, para a rebeldia moral nos seus imperadores em perpetua lucta com a Igreja... mas neste ultimo seculo, em que se preparou a Alemanha-autocracia e a barbarie scientifica, Haeckel foi o acalentador do despotismo e secou no intimo da alma germanica algumas debeis florinhas de virtude popular, benigna, poetica, que vicejavam por lá. E de novo cavalgaram as Valkirias, onde havia já coreias de driades...

Presidentes

Com surpresa para os ingenuos da politica, o Parlamento da Republica escolheu para a Suprema Magistratura o sr. dr. Antonio José de Almeida, depois de se dar como certa a eleição do sr. dr. Teixeira Gomes, cuja candidatura appareceu á ultima hora. Mas estava escrito que o sr. dr. Antonio José de Almeida fosse o Presidente: pelo menos estava escrito nos papiros da União Sagrada.

Não temos motivo para preferencias entre um e outro dos candidatos, nos quais a votação esteve equilibrada até ao ultimo escrutinio: por isso limitamo-nos a desejar o maior bem da nação, isto é que o consulado que vai iniciar-se em 5 de Outubro proximo seja, quanto possivel, benefico para o país, desejoso de ordem, de paz, e de recta administração com perfeita moralidade.

O snr. dr. Bernardino Machado, antigo presidente, chegou agora a Portugal. Trouxe-o uma missão piedosa: sepultar na terra de seus pais o inanimado corpo de uma filha extremecida. Motivo bastante para que procuremos, neste momento, esquecer-nos até de que foi Presidente. Saiba a politica sequer ao menos, fugir de ao pé de uma legitima dôr!



CORRIAM os tempos de Cromwell. Antes de ser absoluto senhor do poder, Cromwell, que era um politico tão habil como ambicioso, não tolerou que ninguem se oppozesse a seus planos nem desobedecesse a suas ordens, chegando até ao ultimo limite da crueldade ao impôr algum castigo.

Eis uma anecdotia rigorosamente historica que corrobora este asserto:

O official Mayfair era o coronel mais jovem dos exercitos da Republica, tinha trinta annos e tomara parte em numerosos combates, captando a estima dos seus companheiros e a admiração dos seus chefes, pelo seu character franco e bondoso e valor a toda a prova.

Quando o apresentamos a nossos leitores tinha o semblante triste, e uma profunda ruga sulcando-lhe a fronte.

Mayfair, assentado ao lado de sua mulher, junto ao fogão, permanecia abstracto em profundas meditações.

Sua companheira, uma bellissima jovem de vinte e cinco annos, olhava-o pensativa com os olhos cheios de lagrimas, sem atrever-se a interromper o silencio, que n'aquella noite de chuvoso inverno era imponente.

Os dois tinham uma só filha, Abby, preciosa creança de sete annos, que era o idolo de seus paes e encanto de todos os que a conheciam, pela sua rara precocidade e interessante conversa.

Sécca essas lagrimas, — disse Mayfair a sua esposa. — Vae entrar a pequena e não quero que o saiba.

Uma loirinha de grandes olhos azues e anellados cabellos assomou a sua cabecita de boneca á porta da contigua habitação, e disse á brincalhona:

— Os senhores querem dar um beijo a sua filha que vae deitar-se?

— Vem cá, minha filha, — respondeu o pae abrindo os braços a Abby, que de um salto saltou sobre os seus joelhos.

— Venha o abraço e o beijo.

Mayfair abraçou-a fortemente, e beijou-a na fronte, nos olhos, nos cabellos...

A mãe occultou uma torrente de lagrimas que saltavam a seus olhos, fazendo sobrehumanos esforços para que a pequenita não descobrisse o drama que se estava desenrolando.

— Não me apertes tanto, papá: magoas-me com tanto abraço, e estragas-me o penteado.

— Mas, filha, tu vaes dormir, — redarguiu o pae.

— E isso que importa? Não é verdade, mãã, que se pode beijar a filha sem despenteal-a?

A mãe sómente pôde fazer um signal affirmativo porque o nó que tinha na garganta lhe impedia articular palavra.

— Perdoas-me?

— Conforme, senhor papá.

— Vejamos as condições.

— E' contares-me uma historia.

— Mas, filha! — interrompeu a mãe.

— Deixa-a, deixa-a,

— Ah! mas um conto acontecido, sim?

— Vá... um conto acontecido.

A mãe ergueu os olhos e cruzou as mãos, enquanto a pequena, batendo as palmas, se dispôz a ouvir a narração.

O pae passou a mão pela fronte e decorridos uns segundos começou assim:

— Lá vae o meu conto, que é triste, muito triste, e que parece historico, ou acontecido como tu dizes:

‘Era uma vez...

Tres coroneis que commetteram uma falta de disciplina durante uma batalha. O general ordenou-lhes simular um ataque á fortaleza para

distrahir a attenção do inimigo enquanto o grosso do exercito ordenava a retirada; mas os coroneis, enthusiasmados, travaram batalha com tal ardor que o inimigo abandonou as suas posições, e a derrota converteu-se em inesperada victoria.

Chamou-os á sua presença o generalissimo, e depois de os felicitar ordenou-lhes que viessem a Londres, onde acabam de ser julgados por ter desobedecido ás ordens de seu superior.

— Esse general é Cromwell, papá.

— Sim.

Conheço-o muito bem. Quando passa á frente dos seus soldados montado a cavallo olha para mim e sorri. Dizem que é medo olhar para elle! A mim, não, pelo contrario, acho que deve ser muito bom. É que mais?

— E o Conselho sentenciou-os á morte.

— Que mau que é o Conselho!

E vendo que a pobre mãe enxugava furtivamente uma lagrima, disse-lhe: — Porque choras, mamã? Por os terem condenado á morte? Verás que os não matam. E como acaba o conto, papá? Tu conheces os tres coroneis?

— Sim minha filha.

— Eu tambem queria conhecel-os para dar-lhes um beijo. Elles gostariam?

— Um, pelo menos, sim. Dá-me esse beijo e faz de conta que a elle os dás.

A pequenita beijou demoradamente o seu pai ao passo que lhe dizia:

— Toma, toma, e toma: para os tres.

Se eu conhecesse esses senhores dir-lhes-ia: «O meu papá é tambem coronel como os senhores, tão valente como os senhores; e se estivera nessa batalha teria feito o mesmo: ganharia; pois, para que são os militares senão para isso, não é verdade?»

Na porta ouviram-se duas pancadas seccas. Mayfair pousou no chão a sua filhinha e abriu. No humbral appareceu um official seguido de varios soldados.

— Estaes preparado? — interrogou o recém-chegado.

— Quando quizerdes, — replicou o coronel.

A sua esposa, pallida como um cadaver, abraçou o marido; a pequenita, que contemplava attonita aquella scena atreveu se a perguntar:

— Papá, vaes ver os coroneis?

— Sim, minha filha, vou ao quartel, respondeu este com voz apagada.

E estampando um frenetico beijo na boca de sua filha, saiu precipitadamente seguido pelos soldados.

A desolada mulher deixou-se cair sobre uma cadeira, enquanto que a pequenita, acariciando-a amorosamente, lhe dizia:

Não chores, mamã. Verás como são perdoados.

* * *

No dia seguinte a esposa de Mayfair não pôde abandonar o leito: tinha febre e delirava com frequencia.

A pequena Abby, que não se separava de sua mãe, julgou prudente correr ao quartel para avisar o seu pae que a mamã estava enferma. «De caminho, — pensou — verei os coroneis».

Na sala da bandeira estavam os juizes reunidos. Um d'elles disse ao lord general:

— «Notificou-se-lhes a necessidade de indicarem qual dos tres ha de morrer, e os tres se negaram a isso.»

Cromwell enrugou o sobr'olho ouvindo isto, e ordenou que fossem encerrados num quarto contiguo, alinhando-os de cara á parede e as mãos atadas atraz.

Depois chamou um official a quem disse: — Saia á rua e faça entrar o primeiro menino ou menina que encontrar.

Minutos depois entrava o official, conduzindo pela mão a pequena Abby.

Ao ver Cromwell, disse a menina:

— Ah! E' o sr.? Conheço-o muito bem porque o vejo passar deante de minha casa a cavallo.

Cromwell sorriu ao ouvir isto.

— O quê? — accrescentou a loirinha, — já se esqueceu de mim.

— Não me esqueci, nem jámais me esquecerei. E's o retrato fiel de uma filha que tinha a tua idade e a quem eu muito estimava. Era a rainha da casa; ella mandava e eu obedecia.

— Então, — replicou a creança — tambem me obedecerás a mim, porque sou parecida...

Cromwell, a quem caiu em graça a vivacidade da pequenita, replicou:

— Naturalmente, e prova-o este privilegio.

Isto dizendo, estampou dois beijos nas faces de Abby, enquanto dizia:

— Este é para ella, e este para ti. Tu a representas: de modo que tudo o que mandares: ha de fazer-se.

Neste momento redobraram os tambores, e a pequenita pediu para ver os soldados.

No humbral da porta appareceu um official, pronunciando as seguintes phrases:

— Eis ahi estão já!

E fazendo a continencia, desapareceu.

Então o lord general deu a Abby tres espheras de cera, uma d'ellas vermelha, que devia ser a que designasse qual dos tres coroneis devia morrer.

— Que linda é esta bolinha encarnada! — disse a pequena.

— Escuta bem, — ordenou Cromwell. — Neste quarto estão tres homens com as mãos estendidas. Entras e pões uma d'essas espheras na mão de cada um. Fazes isto?

— Já lá vou. Mas diz: para que é isto?

Cromwell não respondeu limitando-se a reiterar a ordem com imperativo ademan.

Abby entrou no quarto, e reconhecendo seu pae entre os coroneis, pensou:

— Esta bolinha, a mais bonita, para o papá.

E collocou-a em sua mão, distribuindo as outras.

— Papá, papá. Olha o que te puz na mão. A mais bonita para ti.

Mayfair olhou para a esphera da morte, poz-se densamente pallido, e abraçando a pequenita, disse a meia voz:

— Pobre Abby; pobre filhinha!

E prorompeu em soluços.

Todos os soldados e officiaes presentes ficaram aterrados deante de um quadro tão horrivel.

Decorridos alguns minutos, adeantou-se um official, e tocando no hombro de Mayfair disse-lhe:

— Meu coronel, isto é espantoso; mas o dever...

O sentenciado interrompeu-o dizendo:

— Eu vos sigo.

— Vamos, papá, — dizia a pequena. — A mamã está doente e eu vim buscar-te.

— Não pode ser, minha filha, Eu ficarei aqui.

Ouvir isto Abby e colher a mão de Cromwell foi obra de um instante.

— Olha, general, — arguiu a pequenita, — o papá não quer vir a casa e a mamã está doente. Manda-lhe que venha.

A scena era terrivel.

Cromwell empallideceu ligeiramente, e perguntou a Abby, apontando Mayfair:

— Mas esse é teu pae?

— Pudera! — respondeu a pequena. E accrescentou:

— Ou tu lhe mandas que venha, ou mando eu.

Cromwell olhou fixamente o coronel, e pareceu duvidar um instante.

Abby, impaciente, exclamou, dirigindo-se ao lord general:

— Não dizias que eu mandava e tu obedecias? Pois eia; acabou-se. Eu mando que o meu papá venha para casa.

Este rasgo acabou de decidir Cromwell.

— Tens razão, — disse. — Tu mandas e aqui hão de obedecer-te todos. Soldados, a pequena falla com razão. Quando ella manda, ordena o chefe. Apresentar armas! Fica em liberdade o prisioneiro.



LISBOA

1) O Sr. Dr. Epitacio Pessoa desembarcando. — 2) O Sr. Presidente da Republica Almirante Canto e Castro despedindo-se da Esposa do Sr. Dr. Epitacio Pessoa. — 3) O illustre escriptor Marcelino Mesquita, recentemente fallecido em Lisboa. — 4) A esposa do Sr. Dr. Pessoa visitando o Paço de Cintra. — 5) O illustre escriptor Teixeira de Queiroz, ultimamente fallecido. — 6) O Sr. Dr. Antonio José de Almeida, presidente eleito da Republica. — 7) Os membros do Comité inter-alliado que ultimamente visitou Lisboa.

(Phot. Franco.)



Morto Illustre

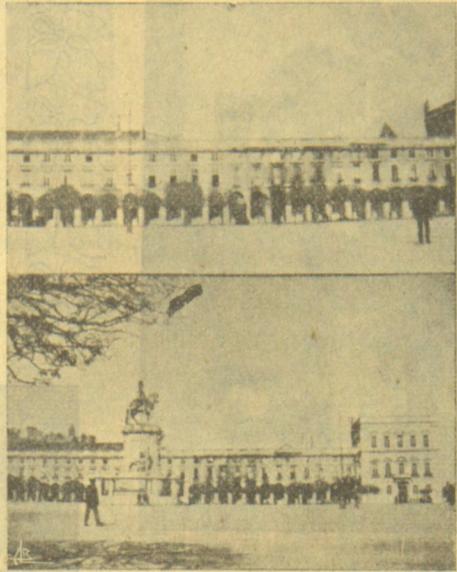


O illustre architecto Ventura Terra, recentemente fallecido.

× O Palácio das Côrtes, em Lisboa, obra de Ventura Terra.

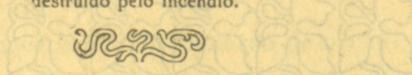


Os ultimos incendios em Lisboa



Lisboa — A parte incendiada do Terreiro do Paço. Ao lado intacto o edificio do ministerio do trabalho.

× A ala oriental do Terreiro do Paço em parte destruido pelo incendio.

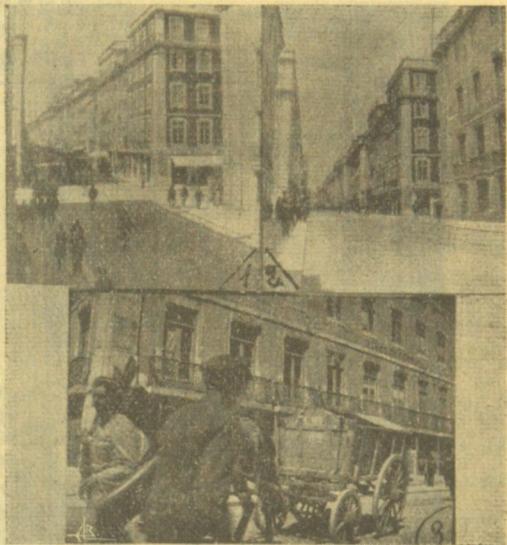


As paredes em Lisboa



O Torreão oriental onde se achava instalada a Bolsa e o Tribunal do Commercio.

× A secção das encommendas postaes, destruida pelo incendio.



1) A rua do Ouro em dia normal.

2) A rua do Ouro durante a parede dos electricos.

3) O serviço de limpeza feito pelas praças do exercito.

Phot. Valerio.

Conferencia da Paz



1) O conde Brockdorff-Rautzen entrando para o «Hotel Trianon». — 2) O «Hotel Trianon» em Versalhes onde se celebraram as conferencias preliminares da paz.



3) O chanceler Karl Renner, presidente da delegação austriaca ao sair de Saint-Germain-Enlaye, depois da sessão do dia 2 de julho. — Os delegados alemães ocupando as mesas que lhe foram destinadas na sala de jantar do «Hotel Trianon».



A chegada do Tenente Read
(o heroe da travessia do Atlantico)
a Plymouth.
O governo inglez recebeu-o
com honras especiaes.



Um aspecto da procissão
do Corpus Christi
em Madrid.



Notas biograficas do Conego Domingos da Anunciação Pinto

O Conego doutoral resignatario da Sé de Loanda, diocese de Angola e Congo, Domingos da Anunciação Pinto, apresentado a 22 de setembro de 1884, tomou posse a 30 de setembro de 1885. Foi um dos informadores para a ereção de Damão, em diocese, tendo sugerido este projecto do seu condiscipulo e então negociador junto da Santa Sé, o Senhor Bispo D. Antonio Thomaz da Silva Leitão e Castro. Foi secretario e amigo dedicado do referido prelado, tendo concorrido para a organização dos negocios da diocese, dividindo-a em circumscrições ecclesiasticas e distribuindo por estas, onde não havia missões estabelecidas, os 22 parochos missionarios. Concorreu para o estabelecimento em Loanda de uma

escola de lingua bunda e elaboração de um catecismo n'essa lingua.



Conego Domingos da Anunciação Pinto

Na Camara ecclesiastica de que foi secretario deixou em boa disposição e ordem variados serviços d'essa vasta diocese. Concorreu para a aquisição e renovação do mobiliario e mais utensilios precisos ao Paço Episcopal de Loanda. Na Sé Cathedral, de que, em 30 de janeiro de 1886, fôra nomeado sub-thesoureiro, fez aproveitar e concertar as pratas das egrejas no valor de seis contos de reis, que por inuteis estavam guardadas na arrecadação da Fazenda Nacional e que depois de renovadas serviram pela primeira vez na festa e procissão do Corpo de Deus, em 24 de junho do mesmo ano,

com admiração e elogio do então Governador

Geral, Conselheiro Francisco Joaquim Ferreira do Amaral. Organinou o serviço de Coro, e regularizou não só a fabrica, mas tambem os diversos serviços necessários ao bom desempenho das festas officaes e anuaes, que se effectuavam na referida Sé.

Acompanhou sem remuneração alguma como conego assistente, o seu Bispo na visita pastoral realisada ás circumscripções eclesiásticas de Benguela e Mossamedes. A assiduidade no trabalho na Sé Cathedral, na Secretaria Episcopal, na Camara Eclesiástica e na gerencia dos negocios d'esta diocese, n'um clima inhospito, affectou tanto a sua saude, que esteve gravemente enfermo, tendo de regressar á Europa em outubro de 1886, renunciando em 23 de junho de 1892, por conselho dos medicos.

Nasceu em Corlim das Ilhas de Gôa, em 25 de março de 1850. Era filho legitimo de Francisco Floriano Pinto, proprietario e acio-

nista da Comunidade de Jua e de D. Anna Joaquina de Sá, ambos naturaes das Ilhas de Gôa. Foi ordenado presbitero a 12 de março de 1881, e a 25 do mesmo mez celebrou a primeira missa no altar do tumulo de S. Francisco Xavier em Velha Gôa. Prestou assignalados serviços em Lisboa, na freguezia de Santa Engracia, e como parcho nas freguezias de Alhos Vedros e Lavradio. Não accitou parochiar varias freguezias, que lhe foram ofrecidas, como as de Santa Cruz do Castello e de N. S. da Conceição em Lisboa. Prestou tambem relevantes e magnificos serviços no magisterio da India.

Faleceu em Lisboa, na freguezia dos Anjos, como um bom e um justo, no dia 8 de abril do corrente ano, tendo-se realisado o seu funeral no dia 9, ficando o seu corpo depositado no Jazigo da Veneravel Irmandade dos Clerigos Pobres da Cidade de Lisboa, de que era ornamento.

Enlevo

A' M.^{lle} Maria de Moraes.

E's linda! oh! mulher, quem não te adora
Tão linda e pura como a flôr louçã;
Oh! innocente virgem seductora,
Raio de luz da candida manhã.

Tu tens o aureo brilho das estrelas
Scintilantes, lá p'ra mansão dos ceus;
E's a rainha das mulheres mais bellas
Que conheço, mulher dos sonhos meus.

E's meu enlevo, a muza e a minha lyra
Do amôr que em meu peito se inspira,
E só tu advinhas o sentir meu.

Que mais terei então a desejar?
O nosso amôr, não ha-de terminar.
Tu serás minha, e eu serei teu,

Ancora, 18-9-1918.

Luiz Monção.

Jesus

A' Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Delfina
da Rocha Brito Aguiar de Barros.

Tendo na face austera a humildade,
Vieste, missionario do amôr,
Sanar chagas, causadas pela dôr,
Cobrinndo com o manto a orfandade:

E pregou-te na cruz a impiedade,
Divino Mestre, nosso Percussôr!!
Mas vinte seculos apóz, Senhôr,
Quem guia cá na terra a humanidade?

O vosso lema *amai-vos mutuamente*;
Desteis por elle vosso sangue precioso,
Por elle, em holocausto, a vossa vida,

Quem vos não hade amar eternamente
Sacrificando-vos, Jesus bondoso,
Por todos os humildes sem guarida!

10—XII—1918.

Valerio.



LXXX

Heresias patuscas.

(Conclusão)

ADALBERTO. — Ou *Adelberto*, ou *Aldeberto*, foi um patusco da Gallia que floresceu no começo do seculo VIII. Aproveitando a decadencia dos estudos e a ignorancia do clero e do povo, devido ás incursões dos barbaros, este figurão enganava os fieis dizendo-se possuidor de reliquias poderosissimas que lhe traziam os Anjos. Com ellas obtinha quanto queria. O certo é que, entre outras madurezas, recusava consagrar egrejas aos Apostolos e Martires: só se consagrava a si mesmo, igual a elles! Distribuía as suas unhas, e cabellos ao povinho, que venerava aquillo como reliquias. Reunia os fieis, que desorientava em torno de cruces e oratorios, nos campos, ao pé das fontes. Não confessava: quando os penitentes chegavam, elle annunciava-lhes que já sabia os seus peccados, que lia até os mais occultos pensamentos — e mandava-os embora. Quantos catholicos desejariam um Adalbertosinho! Possui-se uma autobiographia d'elle, um acervo de imposturas, assim como uma carta de Jesus Christo, que o funante fez passar por caida do ceu em Jerusalem, etc., etc. Que longe estamos do austero *Creio em Deus Padre!* Os principes Carlomano e Pepino, deram ordem para o prender, depois de condemnado por um Concilio, e assim acabou aquella... pepineira!

ADAMITAS. — Assim chamados porque se reuniam, elles e ellas, como Adão e Eva no paraiso, completamente nús, julgando-se tão innocentes como nossos primeiros paes no estado de graça. Houve-os de varias especies. Os Carpocracianos não rezavam e odiavam o creador, julgando dever violar as leis por elle dictadas. Uns foram castissimos, pelo menos por pouco tempo: outros, julgando moralmente indifferentes os actos humanos, entregaram se aos mais infames desregramentos. Vê-los-hemos reaparecer muitos seculos depois, com outros nomes.

AGNOETAS. — Estes cavalheiros, foram assim chamados: *ignorantes*, porque sustentavam, com seu mestre Theophronio (fins do IV seculo) que Deus não é omnisciente, que aprende coisas novas como qualquer de nós. — Outros *Agnoetas* attribuiam essa ignorancia a Jesus Christo, fundando-se na passagem do Evangelho onde se lê que o *Filho do Homem não sabe quando é o dia de Juizo.*

AGONICELITAS. — Estes então não queriam que se

rezasse de joelhos, porque era superstição. A oração, ensinavam, deve fazer-se de pé. Enfim, podia dar-lhe para peor!

ANDRONICIANOS. — Discipulos de um certo Andronico, criam que a metade superior da mulher é obra de Deus e a metade inferior obra do Diabo!

ANTHIASISTAS, Philastrio fala desta seita, sem saber em que tempo appareceu. Consideravam o trabalho um crime e passavam a vida a dormir! Ha muito hereje assim hoje!

ANTHROPORMORPHITAS. — Fundados no *façamos o homem á nossa imagem e semelhança* attribuiam a Deus um corpo humano. Houve-os desde o IV seculo e no começo do VI.

ANTITACTAS. — Estes tinham por dever seu praticar tudo o que é prohibido nas Escrituras!!! D'ahi o nome, que quer dizer: *os que fazem o contrario!* Appareceram, derivados dos Cainitas, pelo anno 160.

APOTACTAS. — Fins do II seculo, na Cilicia e na Pamphilia. Além de outros erros, communs aos *Tacianitas*, de que era um ramo, estes melros acrescentavam a *necessidade* de renunciar aos bens do mundo e consideravam réprobos todos os que possuíam bens! Este mesmo erro, que então se extinguiu pacificamente no desprezo, reapareceu nas doutrinas dos *Albigenses*, *Apostolicos*, e *Valeenses* do seculo XII, sendo preciso levantar exercitos para reprimir estes sectarios cujas doutrinas não eram só heresias, senão tambem perversões de ordem social, como hoje as utopias, já regadas de tanto sangue, dos *bolchevistas*, *espartaquistas*, etc.

A historia repete-se! Quantos declamam contra a repressão das heresias, as atrocidades de Béziers, etc. e que nunca meditaram bem no que seria a civilização—se n'aquella tzemenda crise a Igreja não tivesse defendido a ordem social. Ora experimentem! Implantem cá uma republicasinha *sovietica*, á russa! A crise medonha que o mundo atravessa—desenganemo-nos—tem origem na perversão dos preceitos dos Decalogo—desde o primeiro—que manda amar um Deus, de quem hoje se nega a existencia—até ao decimo que manda não cubiçar as coisas alheias—que hoje se pretende roubar descaradamente. As coisas e as mulheres!...

Anecdotas • historicas

Ditos • e • pensamentos



Danton profeta

Danton foi, em 1787, nomeado advogado dos conselhos da corôa e pronunciou então um discurso em latim, que terminou com este brado profético:

—Ai dos que provocam as revoluções, ai dos que as fazem!

Um chefe vendeano

La Rochejacquelin, um dos chefes da reação vendeana, dizia aos seus partidarios:

—Se eu avançar, segui-me! Se recuar, matae-me! Se morrer, vingae-me!

Ousae!

O convencional Saint-Just dizia:

—Os que deixam as revoluções em meio não fazem mais que abrir um tumulto. Ousae! Eis a palavra que resume toda a politica da nossa Revolução. Assiste-vos o direito de tratar os partidarios da tyrannia como os reis tratam os partidarios da liberdade.

Demoullins e Saint-Just

Camillo, eminente jornalista, vibrou a Saint-Just este dardo:

—O cavalheiro de Saint-Just considera a sua cabeça a pedra angular da Republica, trala sobre os hombros com tanto respeito como se trouxesse o Santissimo Sacramento.

—Pois deixem estar que eu lhe porei a d'elle nas mãos, como S. Diniz!

A patria

Robespierre abandonou Camillo e Danton ao odio de Saint-Just e dos seus amigos. Danton era avisado de todos os lados, aconselhavam-lhe que fugisse. Hesitava, não podia crer que os seus adversarios ousassem pedir a sua cabeça.

—Foge!

Diziam-lhe os amigos.

—Acaso se leva a patria nas sollas dos sapatos?!

Exclamou o tribuno.

O atheismo

Disse Robespierre:

—Todo aquelle que se quer opôr a que se diga missa é mais fanatico do que quem a diz. O atheismo é aristocratico.

O leão secumbido

Danton estava caçado da lucta, caçado da vida. O remorso dos morticínios de setembro e a dôr pela morte dos girondinos não lhe davam um momento de treguas. O general Westermann, o intrepido combatente de 10 de agosto e da Vandêa, disse-lhe:

—É perciso acabar com isto! Eu operarei na cidade enquanto Danton estiver falando na Convenção.

Danton respondeu:

—Antes quero ser guilhotinado que ter de guilhotinar.

Perder a ocasião

No dia 30 de março de 1794, Danton foi procurado na Convenção por a irmã de Marat.

—O golpe está preparado, sei-o por um empregado da Junta. Antecipe-se-lhes! Suba á tribuna, a ocasião é boa, Tallien é quem preside. Ataque!

—Havia então de matar Billand e Robespierre!

—Querem a sua cabeça! Faça cair a d'elles!

—Ora, adeus! admitindo que me mandassem prender, o Tribunal revolucionario restituir-me-hia a liberdade e iria buscar-me em triumpho como fez a seu irmão.

—Não se fie n'isso, o Tribunal, hoje, não é mais que um escravo das Juntas. Suba á tribuna! Salve-se, salve os seus amigos e salve a Republica!

Danton assim o prometeu mas, ao entrar na sala, viu Robespierre a conversar amigavelmente com Camillo Desmoullins. Camillo disse a Danton que os boatos que circulavam não tinham fundamento. Danton deixou fugir a ultima ocasião.

LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29 Telegramas:—**CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapeuta *Mgr. Kneipp*.
EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.
EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.
EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*
Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

Vago

Contra riscos de guerra terrestres e maritimos, grèves, e tumultos em mobílias e edificios particulares, segura a Companhia Luzo-Brazileira de Seguros

SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião
19-2.º—Tel. Exp.º C. 2961. Tel. da Direcção:
C. 2657. Banqueiros: Pinto & Sotto-Maior. — Agente em Braga, Amares, Povoas de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

Manuel da Conceição Rocha
Largo do Barão de S. Martinha—BRAGA

Luneta de Ouro

Officinas de esculptura, encadernação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.
Artigos religiosos, imagens, paramentos, harmoniums, oculos, pincenez, binoculos, cutelaria, optica e artigos de phantasia.

Aurelio Monteiro & C.ª

Rua do Ouvidor, n.º 123
Caixa postal 1588—RIO DE JANEIRO
Telephone 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se nesta casa
Numero avulso 300 rs. (moeda brasileira)

Assinem o

DIARIO DO MINHO

FOLHA DA MANHÃ

BRAGA



Jornal catholico
de indole regio-
nalista. Esmera-
do criterio e lar-
ga informaçao.